

Indicadores reforçam tendência de menor consumo mundial

Fabiana Batista

Depois do tomo nos preços das commodities, outros indicadores mostram que, junto com a recessão americana, os países em desenvolvimento estão a caminho de desaceleração, o Brasil não ficará imune à essa contaminação. Os preços dos fretes marítimos do porto de Santos até o Mar Negro estão em queda livre, indicando que a demanda por commodities está arrefecendo também nos mercados asiáticos (além do europeu e africano). O lado bom é que o custo desse transporte a valor menor poderá diminuir também os descontos nos preços pagos ao produtor.

O custo do transporte marítimo, que estavam elevados a ponto de prejudicar a venda de alguns produtos agrícolas do Brasil, como o açúcar, recuaram 49% desde 13 de junho, de US\$ 106 a tonelada para US\$ 54 em 3 de outubro, segundo levantamento da consultoria FCStone.

O recuo nos preços dos fretes marítimos, o 'derretimento' do valor das commodities agrícolas e minerais e o menor consumo de combustível só são indícios da retrocesso que está por vir, na opinião de Fábio Silveira, economista da RC Consultores. "E o Brasil não ficará livre disso. Passamos por um movimento de queda global de preços em função da recessão que se aproxima dos países desenvolvidos e do quadro de desaceleração do crescimento dos países emergentes", avalia. Tudo que teve preços inflados, vai desinflar, na avaliação do especialista. "Começamos o movimento de 'devolução' dos preços, dos salários, dos tributos", completa.

Para o economista Emílio Garófalo, ex-diretor do Banco Central, ainda é cedo para quantificar o impacto para o País e para a agricultura brasileira. "As pontas estavam amarradas com o petróleo a US\$ 100, e agora ele caminha para níveis abaixo dos U\$ 90", justifica Garófalo.

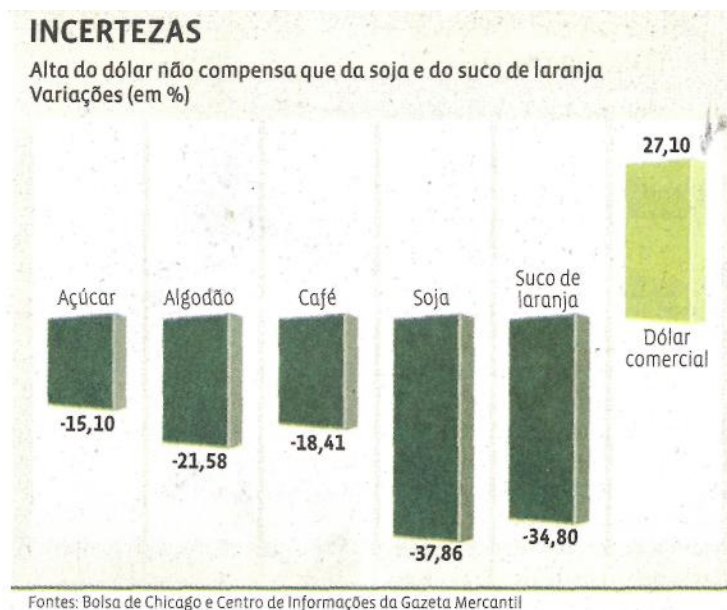
Mas, é evidente que o Brasil terá menor volume de venda nas exportações no seu comércio exterior. "Os países da Europa e os Estados Unidos estão reconhecendo que terão retração em sua economia", acrescenta Garófalo.

O retrocesso da balança comercial do agronegócio trará dificuldades ao País que já está com problemas no seu balanço de pagamentos, segundo José Maria da Silveira, do Instituto de Economia da Universidade de Campinas. "A balança brasileira é superavitária graças às exportações do agronegócio", completa.

Mas quantificar neste momento a influência desse cenário para a agricultura ainda é muito difícil, na avaliação de Garófalo. "Pode ser que o consumo de alimentos continue o mesmo com as pessoas vão tentar comer a mesma quantidade por um preço menor", completa o ex-diretor do BC. Dessa forma, as cotações mais baixas das commodities agrícolas podem provocar um novo aumento de demanda, talvez já para 2009. "Esses preços menores podem fazer ressurgir interesse por fechamento de contratos para o próximo ano, reativando a demanda, que recuou por causa dos preços muito elevados".

Etanol

Nos Estados Unidos o consumo de gasolina teve recuo 7,1% no último mês, saindo de 9,4 milhões de barris por semana em 29 de agosto para 8,73 milhões de barris em 29 de setembro, segundo dados do Departamento de Energia dos EUA. Atrelado ao preço da gasolina, as cotações do etanol estão em forte queda nos Estados Unidos. Somente em setembro, o recuo foi de 8,7%, segundo levantamento da FCStone. Na última sexta-feira, o etanol estourou a barreira de US\$ 2 e encerrou o pregão da Bolsa de Chicago (CBOT) a US\$ 1,98 o galão. Se for prolongado até o próximo ano, esse cenário trará problemas para escoamento da produção de álcool do Brasil que, tem quase todo seu excedente exportado para os Estados Unidos. A previsão para este ano é de que o Brasil exporte 4,8 bilhões de litros de etanol, 18% da produção estimada de 26 bilhões de litros.



Artigos complementares:

Commodities têm a maior queda dos últimos 50 anos

Fabiana Batista, Isabel Dias de Aguiar

O petróleo, o cobre e o milho empurraram as commodities rumo a sua maior queda semanal dos últimos 50 anos devido ao receio de que a pior crise financeira desde a Grande Depressão faça os Estados Unidos entrarem em recessão. As commodities despencaram 9,9% esta semana, conforme o Índice Reuters/Jefferies CRB, que inclui 19 matérias-primas. Foi a maior queda desde, pelo menos, 1956.

Rodrigo Corrêa da Costa, da corretora New Edge, explica que a forte correção das commodities se deveu à migração dos investidores atrás do dólar, em detrimento do euro. "A moeda europeia se mostra menos confiável na medida em que é vista como incapaz de atender políticas econômicas tão distintas de todos os seus países membros", explica Costa. A maior confiança nos títulos americanos fez o dólar se valorizar e as commodities caírem para se ajustar, de acordo com o especialista da New Edge.

A retração das commodities agrícolas vem ocorrendo desde julho deste ano, com declínio mais acentuado em setembro. Nos últimos quatro meses, as cotações da soja na Bolsa de Chicago (CBOT) caíram 37%, e não foram compensadas pela alta do dólar no País, que valorizou-se 27% no período. O mesmo ocorreu com o suco de laranja, cujos preços retraíram-se 34%. Compensações positivas ainda ocorrem com açúcar, algodão e café.

Mas para Geraldo Barros, coordenador científico do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP) a tendência é que o efeito compensatório do câmbio predomine e, dentro de certos limites, os produtores, em conjunto, não sejam muito afetados pela forte queda das cotações internacionais. "Assim, na verdade, não deve preocupar o produtor o nível em que o câmbio venha a se fixar", acrescenta o acadêmico.

Isso porque, segundo ele, a evolução do câmbio vem seguindo nos últimos dez anos um padrão semelhante. "Quedas do dólar no Brasil acompanham elevações das cotações (em dólares) das commodities no mercado internacional. E vice-versa. Isso acontece porque se os preços caem lá fora, o valor das exportações (e a entrada de dólares) também cai e logo, no mercado interno, o dólar sobe", detalha o coordenador científico do Cepea.

Até agora, no mercado interno, o menor valor das cotações internacionais afetam apenas o milho. "Olhando os preços do Cepea para o Brasil, notamos que apenas esse grão teve problemas, com preço em queda de 14% e estoques em excesso", acrescenta Barros.

Em vez de empatar, produtores aproveitam a alta do dólar para fazer hedge e garantir cotações acima de R\$ 2 para a moeda americana. Glauco Monte, analista de gerenciamento de risco da FCStone, afirma que neste momento muitos negócios de hedge de moeda estão sendo feitos. "Está muito mais atrativo fixar o dólar neste momento". Mas, no geral, a alta volatilidade traz ambiente negativo e maior risco para a agricultura, na avaliação de Antônio Maria da Silveira, do Instituto de Economia da Unicamp.

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 6 out. 2008, Finanças & Mercados, p. B16.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais